

Aspectos gerais do pensamento de Winnicott: do apartidarismo do Middle Group à defesa do lar comum

“A mão que balança o berço é a mão que governa o mundo”¹

William Ross Wallace (1865)

“Todos sabem que o lar do homem inglês é o castelo da sua mulher”²

Winnicott (1945f, p. 120)

Este capítulo mostrará como se deu a entrada de Winnicott na Sociedade Britânica de Psicanálise, seja por suas convicções pessoais em relação à postura e à abordagem dos psicanalistas que estavam em cena na instituição, seja pelo cenário político contextualizado pelo período entreguerras e, principalmente, pela Guerra Fria. Constatou-se que esses dois aspectos políticos – disputa no campo psicanalítico entre Anna Freud e Melanie Klein e no campo geopolítico

1 Tradução de trecho do poema *The Hand that Rocks the Cradle*: “For the hand that rocks the cradle/ Is the hand that rules the world”.

2 Tradução de: “Everyone knows that the Englishman’s home is his wife’s castle”.

entre o capitalismo e o comunismo – foram determinantes para as formulações teórico-clínicas de Winnicott e culminaram no desenvolvimento de conceitos fundamentais de sua obra, destacando-se a ideia de mãe suficientemente boa e preocupação materna primária.

A teoria do desenvolvimento emocional: formulações criativas no Segundo Reich^{3 4} da psicanálise

Ao analisar as discussões do círculo psicanalítico dos anos 20 e 30⁵ sobre a questão da mulher e do feminino, realizadas pelos analistas da primeira geração pós-Freud, percebe-se o quão férteis se tornaram, semeando novas formulações em analistas das próximas gerações, como aqueles e aquelas que transitaram na Sociedade Britânica nos tempos pós-guerra.

3 Termo alemão que significa império. As expressões Primeiro e Segundo Reichs foram utilizadas para diferenciar dois períodos imperiais distintos na história da Alemanha; o primeiro de 962 a 1806 e o segundo, de 1871 a 1918. Já o Terceiro Reich foi uma expressão adotada por Hitler como forma de enaltecer a dominação que pretendia atingir, a partir da eclosão da Segunda Guerra, ainda que a Alemanha já estivesse sob o regime republicano. Ao adotar esta titulação, Terceiro Reich, Hitler reitera o caráter nacionalista e imperialista que estava subjacente às suas intenções políticas. No contexto deste trabalho, está sendo utilizada a expressão de maneira metafórica para evidenciar a disputa de caráter político que foi potencializada na Sociedade Britânica após a morte de Freud (analogamente, o que poderíamos considerar O Primeiro Reich) e a nova disputa travada em torno do poder psicanalítico, o Segundo Reich. Esse termo foi escolhido propositalmente para destacar a influência do período entreguerras no campo psicanalítico, que se pôs em disputa política, a partir da diáspora psicanalítica provocada pela perseguição nazista sofrida principalmente por Freud e por psicanalistas vindos de Viena, cidade de que Melanie Klein e Anna Freud são originalmente oriundas, ainda que Melanie Klein, antes de chegar em Londres, tenha iniciado seus estudos em Berlim com Karl Abraham, o que certamente determinou suas diferenças teóricas em relação a Anna Freud.

4 O desenvolvimento da psicanálise pós-Freud na Europa não se deu apenas em Londres, mas também atingiu a França com o desenvolvimento da escola francesa, grupo liderado por Jacques Lacan. Como o intuito deste trabalho é traçar uma linha histórica para alcançar as formulações de Winnicott, a disputa pelo poder político ocorrida na França não será elucidada. Psicanalistas contemporâneos, ingleses e franceses, se ocuparam em traçar rotas de aproximação entre estas duas escolas, destacando-se Christopher Bollas e André Green, respectivamente.

5 Esse momento histórico da Psicanálise, em relação às discussões sobre o feminino e sobre a sexualidade da mulher, foi analisado no Capítulo 2 deste trabalho, a partir da compilação de artigos apresentados no livro *Female Sexuality* (Grigg et al., 1999).

Sendo Klein uma importante interlocutora de Winnicott, e tendo sido discípula e analisanda de Abraham, um dos precursores das discussões sobre a importância das relações pré-edípicas, além de analisanda de Ferenczi, o *enfant terrible* da psicanálise, por sua ousadia em enfrentar o *establishment* freudiano, a ênfase dada na relação arcaica do bebê com a mãe, na teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott, é também herança dessa genealogia, geradora de novos frutos em relação ao feminino e à mulher.

Porém, o reconhecimento da filiação psicanalítica da qual Winnicott⁶ fez parte é principalmente para apresentar que, neste caso específico, a relação de apreço pela filiação não está atrelada ao retorno do filho pródigo, como fizeram alguns analistas mais fiéis ao legado de Klein⁷, mas na constatação de que, ao avançar em direção a novas teorias, é sempre possível voltar às raízes, não porque se arrependeu de ter explorado as riquezas deixadas pelos pais, mas porque se alimentou vorazmente delas para, concomitantemente, manter-se e romper com a tradição⁸.

Segundo Moraes (2008), para Winnicott,

... não há possibilidade de se criar no vazio. E, portanto, é impossível ser livre e criativo sem a tradição. [Winnicott] Assumia que o sentido geral da contribuição de Freud havia sido preparar o mundo para o pensamento psicológico e reconhecia a

6 Além de Winnicott, Klein também supervisionou Milner, Bowlby e Khan, e foi analista de Segal, Meltzer, Bion, Rickman e Scott. (Moraes, 2008).

7 Joan Riviere, Hanna Segal e Paula Heimann são alguns exemplos de psicanalistas que defendiam fervorosamente o pensamento kleiniano. Ver, cartas 20, 25, 43, 57, 58 (Winnicott, 1987b).

8 Alusão à Parábola do Filho Pródigo, apresentada na Bíblia, que deu origem à expressão popular: “O bom filho a casa torna.” Essa parábola trata da questão em torno do arrependimento de um filho em relação ao pai e, assim, a Deus, que sempre terá as portas abertas de sua casa, mesmo quando o filho supostamente o trair. Resgatei essa parábola para elucidar a questão da filiação psicanalítica de Winnicott, como forma de mostrar seu reconhecimento por Melanie Klein e a influência de suas formulações em sua teoria, expresso em diversas passagens de sua obra, bem como, na contramão desse pensamento, sua aversão a pensamentos dogmáticos, que caracterizou algumas relações da autora com seus discípulos. Manter-se e romper também faz alusão à etapa descrita por Winnicott como EU SOU, momento em que o bebê rompe subjetivamente com a mãe para ser a partir dele mesmo, como consequência da dialética EU vs. NÃO-EU, mas que só é possível porque inicialmente houve uma relação de dependência absoluta.

importância de todos os desdobramentos teóricos posteriores, estando certo de que pessoalmente contribuía para o desenvolvimento da teoria e clínica psicanalítica. Acreditava que o exercício da reflexão, a introdução de novas formas de pensar, o uso de outra linguagem e até mesmo a discordância de aspectos teóricos centrais são importantes passos tanto para a confirmação do que se sabe como para o surgimento de um pensamento original. (pp. 81-82)

É nesse contexto paradoxal de ruptura e continuidade que a teoria do desenvolvimento emocional de Donald W. Winnicott foi tecida, lançando conceitos novos, principalmente a respeito das etapas pré-edípicas, em diálogo com outras formulações da época, como as propostas por Michel Balint, Ronald Fairbairn e Harry Guntrip, principais integrantes do Grupo do Meio (*Middle Group*) ou Grupo Independente (*Independent Group*), “. . . que contava também com Sylvia Payne, Ella Sharpe e Marjorie Brierley. Todos eles passaram a ser indistintamente conhecidos como teóricos das relações de objeto” (Moraes, 2008, p. 80).

A situação da Sociedade Britânica nos períodos durante e pós-guerra, com a disputa política entre Melanie Klein e Anna Freud pela herança do pai (Sigmund Freud), parece ter trazido um colorido dogmático aos avanços da psicanálise, obrigando Donald W. Winnicott e outros pensadores livres a formarem o Grupo do Meio.

As disputas no campo psicanalítico se mostraram tão acirradas quanto as por dominação política no cenário mundial, caracterizadas por constantes bombardeios e divisões territoriais entre o *reich* londrino e o vienense, de forma que, constantemente, o Grupo do Meio se colocava entre a polarização, buscando um “acordo de cavalheiros”, ainda que a disputa estivesse sendo travada por duas mulheres, Melanie Klein e Anna Freud, respectivamente. Segundo Appignanesi e Forrester (2010), as controvérsias entre os dois grupos são um exemplo contundente de que mulheres nem sempre são pacificadoras e acolhedoras, como queriam provar os vitorianos, mas podiam tornar-se tão “combativas e maliciosas quanto qualquer contenda entre homens” (p. 41).

Anna Freud e Melanie Klein herdaram de seus antecessores, além de influências teórico-clínicas, os embates em curso entre as escolas de Viena e Londres, que acompanharam, inclusive, questões familiares difíceis para ambas. Caldwell e Robinson (2019) apontam para a história de sofrimento que traziam para o cenário de disputa na Sociedade Britânica de Psicanálise: Anna Freud, de um lado, chega a Londres com seu pai como consequência da perseguição nazista e é na Inglaterra que ele, anos depois, acaba morrendo; Melanie Klein, após a perda de Karl Abraham em Berlim, migra para Londres a convite de Ernest Jones, e vivencia problemas de relacionamento pessoal e profissional com sua filha, além da morte de seu filho em 1934. Eram tempos de ruptura e perda do pai biológico e simbólico.

O livro *O gesto espontâneo*, de Winnicott (1987b), reúne uma série de correspondências do autor que apresentam o caráter combativo da disputa política entre as herdeiras da psicanálise britânica⁹. Reeves (2019) relembra o quanto Winnicott se esforçou para se manter distante dos conflitos, admitindo sua indiferença, com a seguinte declaração:

Eu fiquei completamente perdido na longa controvérsia que ocorreu durante a guerra e que arruinou todos os nossos encontros científicos, quando as pessoas começaram a brigar pelos direitos da sra. Klein. Isso tinha que ser feito, mas me deixou completamente indiferente; eu não sabia nada sobre isso e me mantive completamente fora. [tradução nossa] (Winnicott, CW 8:1:2, citado por Reeves, 2019, p. 46)¹⁰

Segundo Reeves (2019), as disputas teóricas provocaram uma série de descontentamentos nas primeiras gerações de psicanalistas britânicos, incluindo Winnicott, que inicialmente estava mais ligado a Klein em virtude das supervisões clínicas – de 1934 a 1940 (Caldwell & Robinson, 2019) –, ainda

9 Para este tema específico analisar as cartas 20, 25, 43, 57, 58 (Winnicott, 1987b).

10 I got completely lost in the long controversy that went on during the war and ruined all our scientific meetings, when people were fighting for the rights of Mrs. Klein. It had to be done, but it left me completely cold; and I didn't know anything about it and I kept out of the way entirely.

que não tenha se indisposto com o grupo de Anna Freud ou com ela mesma. As controvérsias políticas, o avanço das discussões clínicas e as descobertas crescentes de Winnicott em relação à primeira infância incutiram um distanciamento gradual em relação à Klein, aquela que

... tinha sido a maior influência em seu pensamento psicanalítico por quase uma década, um talismã em mapear as complexidades emocionais da experiência da primeira infância no momento em que tais complexidades foram amplamente ignoradas tanto por psicanalistas tradicionais quanto por pediatras e psicólogos infantis da época. . . [tradução nossa] (Reeves, 2019, p. 52)¹¹

Dentre as complexidades apontadas por Klein, foi a descrição das duas dinâmicas relacionais, posição esquizo-paranoide e posição depressiva, sua principal contribuição em termos conceituais¹², sendo particularmente esta última um importante ponto de partida para que Winnicott se debruçasse na ideia de um desenvolvimento emocional que levasse à unidade do sujeito psicológico, condição construída a partir da relação com o cuidador inicial, levando à capacidade do bebê tolerar e integrar sentimentos de amor e ódio.

Apesar da influência exercida por Klein, segundo Caldwell e Robinson (2019), Winnicott transitou de uma relação de gratidão nos anos iniciais de supervisão, mencionando com frequência as contribuições de Klein em seus primeiros textos publicados, a um distanciamento que o levava a “uma vontade de intuir e especular [que] era uma de suas fortalezas, mas acompanhada de um conhecimento consistente sobre as bases empíricas do trabalho experimental científico-social” (p. 6). Isso o posicionava além do intrapsíquico.

11 . . . [she] had been the major influence on his psychoanalytic thinking for almost a decade, a talisman in charting emotional complexities of early infant experience at a time when such complexities were largely ignored as much by traditional psychoanalysis as by the conventional pediatrics and child psychology of the day . . .

12 Melanie Klein é, sem dúvida, uma das grandes autoras da psicanálise e analisar seu complexo trabalho não caberia nesta pesquisa, que se dedica a apenas apontá-la como uma personagem histórica importante, base para desenvolvimentos teórico-clínicos posteriores no campo psicanalítico. Para uma análise mais aprofundada da obra da autora, consultar o trabalho dos comentadores Segal (1975, 1983), Cintra e Figueiredo (2003, 2008), Cintra e Ribeiro (2019) e Ribeiro (2011).

Segundo Fulgencio (2016),

Winnicott dirá que a descoberta que Melanie Klein fez, descrevendo a posição depressiva, equivale à de Freud, quando este descreveu o complexo de Édipo como um conjunto de acontecimentos infantis que organizam a vida psíquica e amorosa do ser humano. (p. 19)

No entanto, foi durante sua prática clínica que Winnicott, ao tentar aplicar os desenvolvimentos teórico-clínicos de Freud e Klein, pôde comprovar que algumas das afirmações desses autores não estavam de acordo com o que ele próprio observava, surgindo a necessidade de revisar, reformular ou mesmo criar desenvolvimentos atuais para a psicanálise.

Em relação às formulações do Grupo do Meio, segundo Moraes (2008), Winnicott, Balint, Fairbain e Guntrip compactuavam de um ponto em comum sobre a importância da relação mãe-bebê como base para o processo de desenvolvimento emocional, indo além da teoria da libido proposta por Freud, mas apenas Winnicott discordava da “. . . ideia kleiniana de que, desde o início, o bebê é dotado de um psiquismo e capaz de se relacionar com um objeto, ou seja, é capaz de identificar a mãe como um objeto externo e se relacionar com ela por meio de mecanismos mentais” (p. 92).

Dada a compreensão particular de Winnicott sobre as relações iniciais mãe-bebê, mesmo entre seus colegas do Grupo do Meio, há uma discussão no meio psicanalítico em relação à existência de um possível novo paradigma na psicanálise, a partir de suas formulações, mas que não será considerada nesta análise. Não se pretende avaliar o valor paradigmático de sua obra, mas apenas localizá-lo na história da psicanálise, apontando suas principais contribuições, até chegarmos a uma compreensão da identidade feminina, evitando que a perpetuação de qualquer disputa de poder no campo institucional possa ser novamente levantada.

A importância do ambiente na teoria de Winnicott

Na teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott, o que é apresentado como particularidade é a importância das *experiências iniciais* experimentadas pelo bebê *amalgamado a uma pessoa real*, condição fundamental para que o desenvolvimento aconteça. O conjunto mãe e o seu entorno é o protótipo do ambiente, peça essencial para que as engrenagens do desenvolvimento entrem em curso.

Partindo desse pressuposto, de que uma pessoa real está em *experiência* com o bebê como suporte ambiental para que ocorra o processo de desenvolvimento emocional, devemos esclarecer alguns conceitos norteadores para entender o que deve ser apresentado como ambiente para o bebê: a *mãe suficientemente boa* e a *preocupação materna primária*.

A mãe suficientemente boa: questões sociológicas e psicológicas por trás da mãe comum inglesa do século XX

O foco na maternagem tem sido visto como o cartão de visitas da teoria winnicottiana, entendido algumas vezes como a elucidação da relação idílica entre a mãe e o seu bebê. No entanto, Winnicott sempre ressaltou a complexidade da primeira infância e as características reais e acessíveis do ambiente de cuidados que se encontra no lar comum, representado na maioria das vezes pela mãe biológica e seu entorno, pessoas dotadas de imperfeições, mas que na maior parte do tempo sabem cuidar do bebê.

Winnicott encontrava-se com as mães de sua teoria principalmente nos hospitais em que realizava atendimentos médicos, ou seja, na saúde pública e coletiva, e menos em seu consultório particular. Essa informação aponta para um contexto social que merece ser compreendido, caso contrário, não alcançamos o real sentido do ambiente presente no lar comum.

Em 1934, Winnicott foi qualificado como analista. Ele manteve sua posição como médico em saúde pública até aposentar-se em

1961, mas ele era particularmente comprometido com os aspectos psicológicos do seu trabalho, especialmente com mães e crianças. Ele completou sua formação como analista infantil em 1935, e em 1936, começou sua segunda análise, com Joan Riviere. Ele ofereceu um trabalho analítico intenso e intervenções psicanalíticas de curta duração para crianças e adultos¹³. Em 1939¹⁴, começou a escrever transmissões de rádio para mães. [tradução nossa] (Caldwell & Robinson, 2019, p. 2)

A expressão “mãe suficientemente boa” é a tradução do inglês de *good enough mother*. O termo em português não atinge o sentido que a expressão *enough* pode trazer em inglês, que elucida, acima de tudo, o básico que atende, aquilo que uma mãe (ou uma pessoa que assume os cuidados iniciais) naturalmente pode fazer pelo bebê, que é garantir que suas necessidades sejam atendidas – sob o ponto de vista do bebê e não dela mesma¹⁵. Porém, como dito anteriormente, Winnicott teceu sua teoria com base na mãe britânica comum de sua época, que, ao ser comparada à mãe atual, principalmente com a mãe do lar comum de países emergentes como o Brasil, deve sofrer algumas alterações, já que existe uma miríade de mães no Brasil, marcadamente diferenciadas pela profunda desigualdade social. Nessa composição sociológica complexa observada no Brasil, há um grupo expressivo de mulheres que se encontra em vulnerabilidade social, não recebe ou pouco recebe apoio de seu companheiro e é constantemente maltratada pela vida em sociedade, muitas vezes assumindo o papel de mãe e pai de seus filhos, simultaneamente. Elas representam uma boa parcela da população de mulheres.

-
- 13 Em relação à sua atuação como psicanalista infantil na saúde pública, Winnicott (1942a, 1956a) fala sobre os mil casos por ano que chegavam ao Departamento Infantil do Instituto de Psicanálise em Londres e a necessidade de aplicar uma abordagem de curta duração para lidar com a demanda. Porém, é em 1950 que Winnicott, em nota de rodapé, menciona ter atendido ao longo de sua carreira 20 mil casos (Winnicott, 1950a, pp. 195).
- 14 Segundo compilação organizada pela BBC, as transmissões de Winnicott começaram em 1943, sempre direcionadas à mãe comum britânica da época. Mais informações em: <https://www.bbc.co.uk/sounds/play/b01s7v7b>
- 15 Para Winnicott (1987b), dizer suficientemente boa ao invés de boa ajuda é desviar o leitor do sentimentalismo e da idealização.

A dupla função exercida pelas mulheres, de grande representatividade na base da construção da saúde da sociedade brasileira¹⁶, é o que representa os cuidados do lar comum, aqueles que muitas vezes não alcançam o advérbio *suficientemente*, que poderiam torná-los *bons* para um bebê. Pode-se dizer que, nos casos de falta de estrutura familiar, a falha nem sempre (ou quase nunca) é da mãe, mas da falta de um terceiro que não fornece alicerce para que a maternagem se estabeleça. A lei patriarcal diz que “Por trás de um grande homem, há sempre uma grande mulher”. Neste caso, pode-se dizer que “Por trás de uma mãe que falha, há alguém que falhou também”.

Ainda que não se pretenda fazer uma análise aprofundada das diferenças entre as mães britânicas em relação aos tipos de mães brasileiras, torna-se importante fazer uma distinção geral entre as características sociológicas e psicológicas da mãe descrita por Winnicott, para que, posteriormente, se possa extrair do seu pensamento o que de fato é possível extrapolar para todas as realidades (além da mãe biológica) e o que mereceria alguma adaptação.

16 Em um estudo do ano de 2006, realizado pelo IPEA e UNIFEM, chegou-se à conclusão que: “As mulheres responsáveis por famílias com filhos constituem, em geral, arranjos familiares do tipo ‘mulher com filhos’. Nesse sentido, tendem a ser as únicas responsáveis pelo domicílio, sendo a única fonte de renda, o que torna estas famílias mais vulneráveis e estas mulheres certamente estarão sobrecarregadas com os afazeres domésticos e a busca da manutenção econômica da família. São as que arcam sozinhas com os cuidados dos filhos e ao mesmo tempo são as que buscam nas atividades remuneradas as condições de vida. Assim, enquanto em 1993, 18,8% das famílias eram do tipo mulher com/sem filhos ou unipessoal feminina – o que pressupõe uma chefia feminina – em 2004, esse valor saltou para 23,0%, segundo o Gráfico 4” (IPEA, UNIFEM, 2006, p. 9). Nessa mesma direção, em um estudo publicado pelo IBGE em 2018, as diferenças de gênero e, sobretudo, entre população branca *versus* preta e parda no Brasil mostram que, por exemplo, a taxa de fecundidade entre mulheres de 15 a 19 anos, analisadas entre as regiões do Brasil, é de 85,1% na região norte e 45,4% na região sudeste. Ainda, o percentual de mulheres brancas com ensino superior é de 23,5 % versus 10,4% de mulheres pretas e pardas, percentuais maiores que os apresentados pela população masculina (20,7% e 7%, respectivamente). Em relação à dedicação aos cuidados domésticos (incluindo o cuidado a outras pessoas), as mulheres pretas e pardas dedicam em média 18,6 horas semanais para esta função e as brancas, 17,7 horas; enquanto que homens pretos e pardos dedicam 10,6 horas e homens brancos, 10,4 horas. A partir das duas análises, é clara a diferença de gênero na sociedade brasileira aliada à situação particular da mulher preta e parda, que precocemente torna-se mãe, não pode concluir seus estudos e, assim, submete-se ao subemprego que se acumula ao trabalho doméstico. Sem dúvida, esta é uma ponta frágil da sociedade brasileira e deve ser considerada no entendimento da mãe comum.

Inclusive, essa diferenciação é necessária para entender também os problemas semânticos da teoria de Winnicott, que levam à ideia inicial da maternagem idílica ou de um excesso de mãe e de maternagem em sua teoria, de forma que sempre se espera que os cuidados venham de uma mulher. Essa questão semântica, assim como Freud em relação ao falocentrismo, que em alguns momentos atribuiu ao pênis o papel do falo, aponta também para um contexto histórico que o levava a isso. A seguir, pretende-se entender o que está por trás desta constatação.

Aspectos sociológicos: a contribuição da mãe para a sociedade

Enquanto Freud e seus primeiros interlocutores e interlocutoras apresentaram suas principais produções teóricas durante a Primeira Guerra Mundial e no período entreguerras (anos 20 e 30), com êxodo e dispersão geográfica, a maior parte do trabalho de Winnicott se desenvolveu no período da Guerra Fria (1947 a 1991), momento de retorno ao lar, de reconstrução dos muros desfeitos e reorganização de disputas que deveriam ser travadas em outras bases, de maneira indireta. O mundo seguia dividido, entre o capitalismo e o comunismo, representado pelo muro de Berlim.

Mesmo antes de se tornar psicanalista, Winnicott teve atuação como médico residente na Primeira Guerra Mundial, o que o colocou face a face com a questão da destruição, da morte e da perda. Em 1939, no início da Segunda Guerra Mundial, Winnicott começa a escrever suas primeiras transmissões de rádio para falar com as mães e, em 1941, inicia seu trabalho como consultor em Oxfordshire, abrigo para crianças evacuadas, juntamente com a assistente social Clare Briton, que se tornaria sua segunda esposa e importante parceira na construção de uma visão social para a psicanálise (Kanter, 2000).

Segundo Kanter (2000), a parceria entre Winnicott e Clare iniciada em Oxfordshire foi decisiva para que juntos, na complementariedade de habilidades, pudessem lidar com a situação dramática relacionada à evacuação de

crianças em motivo de guerra, de modo que Winnicott pôde incluir a visão do trabalho social em sua prática como psicanalista e Claire, igualmente, pôde incluir a psicanálise em seu trabalho social.

Porém, para além da parceria que inculcia um olhar social, produzindo adaptações na técnica psicanalítica ou na construção de conceitos como, por exemplo, a tendência antissocial e os objetos e fenômenos transicionais (Kanter, 2000), o período referente à Guerra Fria mostrou o interesse de Winnicott em reforçar a importância do lar comum britânico para o estabelecimento do tecido social e do regime democrático, bem como em explicitar, por exemplo, a importância da manutenção do muro de Berlim, que funcionaria como a possibilidade de coexistência de universos distintos, o capitalismo e o comunismo, provenientes de um arranjo maduro de trégua, após um longo período de disputa entre o bem e o mal, vivido na Primeira e na Segunda Guerra Mundial. Essa trégua seria a possibilidade momentânea de perseguir a paz e a criatividade lúdica, a partir da relação com o meio cultural, e funcionaria como uma fronteira entre partes conflituosas do todo e não como uma cisão radical, o que seria devastador, assim como a cisão da personalidade. É a ideia de tolerar e não negar o antagonismo de si (Winnicott, 1986c).

Em textos anteriores, o autor já havia abordado o tema da agressividade (amor primitivo) e a capacidade de tolerar o poder da cobiça e da agressão individual dentro do próprio *self* para viver de forma socialmente civilizada, bem como a necessidade de colocar estes aspectos na relação com o mundo, como na guerra, por exemplo (Winnicott, 1986l, 1945g, 1950a).

O texto *Algumas reflexões sobre o significado da palavra “democracia”* (Winnicott, 1950a) é a tese geral que relaciona o indivíduo saudável à construção da democracia, de forma que a visão desenvolvimentista de Winnicott coloca nas mãos dos lares comuns a possibilidade de criar o que chamou de fator “democrático inato”:

*O bom lar comum é algo que desafia a investigação estatística. Não tem valor de notícia, não é espetacular, e não produz homens e mulheres cujos nomes são conhecidos publicamente. Meu pressuposto, baseado em **20 mil histórias** de casos pessoalmente*

colhidas durante 25 anos, é que na comunidade em que trabalho o bom lar comum é o mais comum. (grifos nossos, p. 195)

É nesse texto também que Winnicott (1950a) fala pela primeira vez sobre o medo da mulher, representado pelo medo da dependência à mãe, e relaciona este temor aos mais diversos tipos de sintomas, desde antissociais estritos a antissociais ocultos, passando por pessoas quase paranoicas a pessoas maduras, que, na concepção do autor, são aquelas capazes de tolerar posições contrárias. Questões específicas sobre as diferenças sexuais e o papel da mulher também são expressas no texto *Este feminismo* (Winnicott, 1986g).

Posteriormente, as ideias desenvolvimentistas gerais apresentadas no texto de Winnicott (1950a) derivaram outros subsequentes (Winnicott, 1984e, 1986j, 1986l), que as relacionaram com o valor da monarquia, a liberdade, os objetivos da guerra etc.

Em paralelo, nota-se que, desde 1943 até suas últimas transmissões, a comunicação de Winnicott volta-se às mães que tinham o papel de garantirem que os lares não fossem completamente desfeitos – com o alistamento de homens para o *front* durante as guerras mundiais, o papel da mãe como pilar fortaleceu-se e as diferenças entre mulheres e homens acirraram-se novamente – e, após a guerra, sua atenção volta-se àquelas que sustentariam a base do tecido social, que precisaria ser reconstituído.

Worthington (2011) também ressalta o caráter político dos desenvolvimentos psicanalíticos pós-guerra na Inglaterra, que, ao colocar a análise de crianças como seu fundamento: “foi capaz de se desenvolver em um ambiente cultural em que havia uma distância clara e distinta entre adultos e crianças, particularmente nas classes média e alta”; e, ainda, propiciou “a reconstrução política da família e o retorno aos papéis tradicionais das mulheres”, que “atendia às necessidades da economia da Grã-Bretanha no pós-guerra” (p. 135).

Segundo arquivos da BBC, antes da guerra, Winnicott era um pediatra desconhecido do cenário inglês e, após a guerra e a inauguração das transmissões (que ao todo foram 50, entre 1943 e 1960), tornou-se um psicanalista

influyente (ainda que de maneira anônima), tentando navegar em caminho contrário à propagação de manuais de maternagem, comuns na época.

Para Alexander e Taylor (2012), a visão social de Winnicott é a base da sua teoria. Primeiro, porque aponta para a relação de dois corpos como sendo a estrutura da subjetividade, de forma que o espaço entre eles é a base da vida criativa e cultural; depois, porque acreditava na eficácia das instituições criadas pela sociedade civil, como os hospitais, os abrigos, as escolas, que poderiam possuir no quadro de funcionários pessoas que se dedicavam ao cuidado, e com alguma tolerância em relação a questões ligadas à saúde mental¹⁷; e, finalmente, a principal instituição apontada por Winnicott é a família, de forma que um de seus livros recebeu o título *Tudo começa em casa*¹⁸.

*Mas os fundamentos do “elemento democrático” na sociedade, Winnicott acreditava estarem assentados nas famílias, nas mães e seus bebês, sobre a proteção dos pais com sua “potência genital” nos “lares bons comuns”; este “ambiente facilitador” era o canteiro da democracia. [tradução nossa] (Alexander & Taylor, 2012, p. 151)*¹⁹

Assim, no imaginário social era a mãe comum britânica do período da Guerra Fria que emergia como a base segura contra a aproximação do inimigo

17 Sobre este tema, verificar o artigo de Dias (2018) “Objeto subjetivo e a clínica das psicoses”. A autora, ao tratar do tema das psicoses, aponta para a importância das instituições no tratamento, funcionando como um *setting estendido*, o *protótipo do ambiente proposto por Winnicott*.

18 Mas, não foi apenas Winnicott que se preocupou com a relação estruturante obtida no canteiro do lar comum. Segundo Laubender (2019), Bowlby, ao construir a teoria do apego e focalizar a segurança transmitida pela relação com a mãe como a base da saúde mental, também dialoga com os interesses políticos instituídos pela Guerra Fria. Isso porque seu livro mais importante, *Cuidados maternos e saúde mental, foi uma encomenda da Organização Mundial de Saúde em resposta às necessidades sociopolíticas instituídas na Inglaterra pós-guerra. A ideia antes de tudo era proteger os filhos de uma nação. “Por meio das teorias de apego de Bowlby sobre a infância, a ‘segurança’ mudou a fase central como uma importante virtude psicológica do pós-guerra”* (Laubender, 2019, p. 77).

19 But the foundations of the “democratic element” in society, Winnicott believed, lay in families, in mothers and infants, under the protection of fathers with their “genital potency” in “ordinary good homes”; this “facilitating environment” was the seedbed of democracy.

comunista e que “equilibrava a insegurança muito real do Estado-nação da Guerra Fria contra as novas formas de segurança psicológica promovida e prometida às crianças como futuros sujeitos-cidadãos”. Portanto, “no contexto da Guerra Fria, as psicologias infantis eram tudo menos apolíticas” (Laubender, 2019, p. 77).

Aspectos psicológicos: a preocupação materna primária

Se, por um lado, ao lar comum caberia garantir a saúde social, isso só seria possível sob determinadas condições psicológicas da cuidadora ou do cuidador. Essas condições são o que Winnicott (1983a) elenca como sendo a preocupação materna primária, um estado psicológico acentuado em que, por um processo de identificação com o bebê, a mãe (na maior parte dos casos) é capaz de, a partir dos cuidados físicos, auxiliar o bebê a elaborar imaginativamente as experiências. Porém, é uma espécie de auxílio que o bebê não sente que vem de fora, porque sequer há ainda a noção de fora ou dentro, mas, acima de tudo, fornece as primeiras experiências de ser. A mãe empresta sua capacidade de elaboração e o faz para o bebê, mas ele sente que ele mesmo está fazendo. Este é um recurso que, posteriormente, após a conquista da unidade de sujeito psicológico, desde as primeiras experiências de ser até a morte, todos fazem na relação com o mundo – é a base da experiência pessoal e da paleta de cores que cada um usa para colorir a representação que faz das experiências²⁰.

Essa contribuição apresenta certa sofisticação na formulação da composição do que seria a boa mãe, pois, ao trazer aspectos psicológicos para a cena de cuidados, carrega a importância dos aspectos psíquicos e subjetivos que se apresentam com certa independência do percurso biológico.

Winnicott tece esse conceito porque verifica em sua experiência, sobretudo como pediatra, que a gravidez não é garantia de bons cuidados. Nesse sentido, enaltece o cuidado ambiental em detrimento à maternidade, ainda que os equívocos semânticos permaneçam presentes: preocupação materna primária

20 No Capítulo 4 deste trabalho, o processo de desenvolvimento proposto por Winnicott, bem como suas etapas, serão detalhados, fornecendo maior compreensão para a noção de elaboração imaginativa, por exemplo.

(não poderia ser preocupação parental primária? Ou ainda, preocupação primária do cuidador?); mãe suficientemente boa (não poderiam ser cuidados suficientemente bons?). Esse aspecto deve ser levado em conta para que não se corra o risco de perder-se na ideia fixa da mulher no papel de mãe, reforçando seu lugar na cena privada; mas, torna-se importante extrair desse conceito o sentido de ambiente, que pode ser aplicado tanto a homens quanto a mulheres que cuidam do bebê juntamente ao seu entorno.

O conceito de ambiente em Winnicott traz um aspecto teórico-clínico de aplicação atual que é útil aos dilemas vigentes sobre a confusão ainda presente com relação aos papéis estabelecidos de mãe e pai, como função da mulher e do homem. Essa confusão é herdeira da inércia cultural vitoriana, mas atualmente aponta para novas configurações parentais que tentam se distanciar ao máximo do estatuto da diferença sexual rigidamente marcada.

A ideia da preocupação materna primária localiza os cuidados ambientais no campo da experiência entre o bebê e o cuidador e atenua o peso biológico da gravidez. Se o biológico garantisse toda a cena inaugural de encontro entre mãe e bebê não seria necessário desenvolver este conceito. Falaríamos apenas de gravidez. Ou mesmo, a depressão pós-parto não seria uma realidade. Trazer à tona os aspectos angustiantes e ambivalentes presentes nos cuidados iniciais dirigidos ao bebê é um dos aspectos deste conceito. Outro aspecto é a ampliação da ideia de cuidado materno para a noção de ambiente, que inclui não apenas o expediente da cuidadora ou cuidador principal, mas também o seu entorno.

No campo da psicanálise, a ideia de cuidados ambientais nos moldes winnicottianos traz contribuições ao modelo freudiano de satisfação instintual, ou mesmo ao modelo kleiniano das relações objetais primitivas e da dinâmica das posições esquizo-paranoide e depressiva.

Considerações finais

A entrada de Winnicott na Sociedade de Psicanálise Britânica, bem como sua marca pessoal nesse campo, foi marcada por pressões políticas, sejam do

cenário mundial (Primeira e Segunda Guerras Mundiais e Guerra Fria), sejam do cenário psicanalítico (seu apartidarismo ou indiferença em relação às disputas entre Anna Freud e Melanie Klein, ou entre o grupo de Viena e o de Londres).

Conforme observado, o foco dado à mãe e a conceituações que marcam sua importância na saúde individual atendiam também a uma agenda política de reforço das bases da Guerra Fria a partir da segurança transmitida pelo lar comum, que foi incorporada à visão social de Winnicott sobre as bases da democracia, do senso de liberdade, do valor da monarquia e mesmo da importância do muro de Berlim.

Ao relacionar a saúde individual à construção do tecido social e de uma sociedade saudável (ou democrática), pôde cotejar o alcance de suas ideias em um sentido institucional amplo: da primeira instituição, o lar comum, à instituição maior, a vida em sociedade.

Nesse contexto, a ideia de ambiente e de expressões correlatas que reforçam a função do cuidador ou cuidadora principal como a base para a saúde é o contraponto do problema semântico ligado às ideias de mãe suficientemente boa e de preocupação materna primária, quando reforçam a posição fixa da mulher na condição de mãe para que os cuidados básicos aconteçam.

